

Haroldo Holanda 19 12

## Temor de reformas na Constituinte

Dentro de menos de dois meses a Constituinte irá se reunir pela primeira vez no prédio do Congresso Nacional, de acordo com o ato de convocação que a oficializou. Trata-se do maior e mais significativo acontecimento político, desde que o país saiu do regime militar para ingressar num novo período, caracterizado por um governo civil de transição para a democracia, de acordo com os compromissos firmados no decorrer da campanha por Tancredo Neves e José Sarney, os dois candidatos da Aliança Democrática à Presidência e Vice-Presidência da República.

Tinham razão as esquerdas e vários grupos políticos liberais quando pregavam a necessidade da Constituição autônoma e exclusiva. Mas as forças conservadoras temiam que uma Constituinte autônoma e exclusiva, como pretendiam políticos com o deputado Flávio Bierrenbach, pudesse se transformar em fonte de reformas sociais que os conservadores não desejam e temem. O deputado ex-ministro pernambucano Fernando Lyra, do PMDB, lembra que o presidente eleito Tancredo Neves, em sua campanha como candidato à Presidência da República, assumiu compromisso com as forças que o apoiaram de promover uma Constituinte-Congressual, a qual, no entanto, oferece riscos, sendo o maior deles o de que se venha a produzir uma Constituição de duração curta e efêmera, como tantas outras de nossa história. Isso porque os deputados e senadores que integrarão a Constituinte legislativo de olho em seus interesses políticos imediatos, uma vez que após a promulgação da nova Constituição eles continuarão desempenhando suas atividades normais como legisladores, até o cumprimento final dos seus mandatos. O natural seria que a Constituinte, após o encerramento de suas atividades, fosse dissolvida, e a Nação convocada novamente às urnas para preenchimento de todas as cadeiras no Senado e na Câmara, nesse caso, deputados e senadores iriam legislar pensando mais no futuro do país do que em objetivos de interesse imediato para suas carreiras políticas.

As forças políticas conservadoras nacionais revelaram sempre grande grau de inquietação à simples menção da notícia de que se pretendia convocar a Constituinte. Temiam perder privilégios e posições, num país de formação colonial como o nosso. Não é por acaso, segundo o depoimento insuspeito de parlamentares de todos os partidos e dos mais variados estados, de que nas eleições passadas de quinze de novembro tivemos o maior derrame de dinheiro de que se tem notícia na vida pública do país. Com essa ação política, os grupos políticos conservadores tentavam impedir e até esterilizar no nascedouro qualquer iniciativa de caráter reformista que venha a ganhar corpo na Constituinte.

A exemplo do que sucedeu no passado com a Arena, os grandes grupos econômicos do país investiram maciçamente nas eleições passadas em candidatos alojados nas fileiras do PMDB, por se tratar da legenda de maior charme popular e potencialidades eleitorais. Em consequência disso, as previsões feitas até aqui são as de que a bancada do PMDB na Câmara retornará ao Congresso mais conservadora do que a atual. Isso porque diversos deputados de esquerda ou de tendência mais liberal perderam espaço e foram substituídos por políticos de nitida feição conservadora.

A esquerda independente do PMDB sempre foi no partido um grupo ativo e influente, que deu nestes anos todos o toque com que marcou mais fortemente as atividades partidárias. Era constituído esse grupo por personalidades de esquerda de tendências e matizes os mais diversos. As avaliações feitas com bases em dados preliminares dão conta de que as esquerdas do PMDB e dos demais partidos constituirão na Câmara um núcleo de no máximo 80 a 90 representantes. Isso indica claramente que a esquerda-independente do PMDB volta à Câmara com uma representação inferior à que tinha na legislatura agora encerrada. No entanto, os observadores mais experimentados, fazem a advertência de que as esquerdas a tomarem assento na Constituinte irão formar ali um núcleo muito ativo e agressivo, do ponto de vista político. Entre outras razões porque nas batalhas a serem ali travadas e com o seu esmagamento nas decisões tomadas pelo rol-compressor da maioria conservadora, as esquerdas procurarão em represália, reagir com redobrada energia.